

A percepção como revelação do mundo; Fenomenologia de Merleau-Ponty

*Perception as revelation of the world:
Merleau-Ponty's Phenomenology*

João Carlos NOGUEIRA

Resumo

O artigo apresenta uma leitura do pensamento de Merleau-Ponty a partir da noção de percepção entendida como revelação do mundo. Considera, segundo a fenomenologia existencial, que o conceito de existência enquanto ser-no-mundo constitui o núcleo a partir do qual se procura elucidar a realidade. Nesse sentido, o mundo é o lugar do pensar filosófico. O artigo analisa os seguintes tópicos: a apropriação do mundo pelo corpo: a percepção; a existência como presença e instauração de sentido; comportamento e linguagem: dialética viva.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, fenomenologia, percepção, revelação

Abstract

This article presents an understanding of Merleau-Ponty's thought based upon the comprehension of the notion of perception as revelation of the world. According to existential phenomenology, it considers that the concept of existence while being-in-the-world constitutes the core from which reality must be elucidated. In this sense, world is the place of philosophical thinking. This article analyses the following topics: appropriation of the world by the body: the perception; existence as presence and instauration of meaning; behavior and language: live dialectics.

Key-words: Merleau-Ponty, phenomenology, perception, revelation.

Introdução

O conceito de consciência encarnada exprime de forma sintética o núcleo de pensamento filosófico

de Merleau-Ponty. O homem existe como ser-no-mundo pelo corpo. Tal é o seu modo próprio de ser. Não é alguém que se encontra objetivamente como simples coisa no meio do mundo, nem uma

consciência encerrada na sua interioridade. Realiza-se como **para-si** — como consciência e liberdade — no ato de sair de si e estar junto das coisas em relação com o mundo e os outros homens. Como abertura e presença afirma-se como sujeito que tem o mundo como destinação do seu ser. Ele é, em sentido forte, “um sujet voué au monde”, um sujeito que tem no mundo sua destinação.

A reflexão filosófica tem por fim elucidar o que significa para o homem existir em sentido próprio.

Do ponto de vista fenomenológico a existência é o fenômeno originário a partir do qual se torna possível lançar luz sobre a totalidade das coisas e situar cada uma no interior dessa totalidade.

A nossa consciência em todas as suas atividades, que vão da percepção à atividade científica, passando pela imaginação e o sentimento, constitui um campo de manifestação que se exprime como **existência** ou modo de ser próprio que nos define como seres de **sentido**, capazes, por conseguinte, de se compreender e compreender o mundo no qual esse sentido se inscreve. Nossa consciência é dotada de um caráter intencional que a destina ao mundo como o seu correlato.

O objetivo do filósofo é “o de pôr em evidência a função primordial pela qual fazemos existir para nós, assumindo-os, o espaço, o objeto ou instrumento e descrever o corpo como lugar dessa apropriação”¹.

Ora, essa função primordial de que fala Merleau-Ponty é exatamente a **existência**, vale dizer, o ser-no-mundo pelo corpo.

O que está em jogo nessa posição é a exigência de superação das posições antagônicas do intelectualismo expressa no **cogito** cartesiano, cujo

vértice se encontra no idealismo pós-kantiano, e o naturalismo. Enquanto este último considera o homem como o resultado das influências físicas, fisiológicas e sociológicas que o determina de alto a baixo e fazem dele uma simples coisa entre tantas outras² aquele o considera como uma consciência constitutiva do mundo. O mundo acaba assim reduzido à sua significação³. Prisioneiras de suas representações a consciência, na concepção idealista, acaba por eliminar mundo. Definida pela interioridade ela não permite captar o significado e a originalidade do nosso modo de existir. Assim cada uma das alternativas supramencionadas deixa impensada a verdadeira condição humana. Uma porque a objetiva unilateralmente, a outra porque a subjetiviza excessivamente e por isso a isola. Ora, argumenta Merleau-Ponty, o mérito da fenomenologia é o de ter buscado na noção de existência os meios para pensá-la⁴.

Se, por conseguinte, a existência é de fato o nosso ser-no-mundo pelo corpo, então a **percepção do mundo** se torna “aquilo que funda para sempre a nossa idéia da verdade”⁵, vale dizer, a verdade humana se fundamenta na nossa situação de seres encarnados, seres efetivamente históricos.

Nesse breve estudo meu intuito é fazer uma leitura do pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty a partir da noção de percepção entendida como revelação do mundo.

I. A apropriação do mundo pelo corpo: a percepção

Pode-se dizer com toda propriedade que, para a fenomenologia existencial da qual Merleau-Ponty é sem dúvida um dos maiores representantes, o conceito

¹ MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*, Paris, Gallimard, 1945, p. 180. Daqui em diante a citação dessa obra será abreviada por P.P.

² Cf. *Sens et non-sens*, Paris, Nagel, 1948, p. 142.

³ P.P., *Avant-propos*, p. VI. As traduções do texto de Merleau-Ponty são de minha responsabilidade.

⁴ Cf. *Sens et non-sens*, p. 144.

⁵ P.P., p. XI.

de existência como ser-no-mundo constitui o núcleo do qual se concentra todo o seu esforço de elucidação da realidade. O mundo é o solo do qual brota todo pensar filosófico. De fato a filosofia se constitui tendo como ponto de partida a vida perceptiva que antecede o trabalho de reflexão. A filosofia é, como diz fortemente nosso autor, “a consciência de sua dependência em relação a sua vida anterior à reflexão que constitui a sua situação inicial, constante e final”⁶. Formular filosoficamente a experiência que temos do mundo será sempre formular o nosso contato originário com o mundo “que precede todo pensamento sobre o mundo”, para retomar uma das várias fórmulas tão caras ao nosso filósofo.

A relação homem-mundo não é, em primeiro lugar, uma relação que possa ser transposta em termos de conhecimento como quer o idealismo, e sim uma relação ontológica na qual o homem-sujeito identifica-se com o seu corpo e sua situação, estabelecendo com eles um intercâmbio que se poderia definir como prático-afetivo.

Com essa decidida posição fenomenológica Merleau-Ponty procura mostrar que a vida perceptiva constitui o ponto em que encontra superação a velha dicotomia empirismo-racionalismo. O nosso modo de aceder à verdade encontra aqui sua origem. O que, de outra parte, mostra a índole histórica da consciência marcada por um caráter intencional que a destina a referir-se a um outro diverso dela.

O ser intencional da consciência indica sua situação original. Ela é consciência-no-mundo, orientando-se para ele na multidimensionalidade de seus atos. É o que se pode exprimir, em termos husserlianos, como relação dialética entre uma **nóesis** ou ato de visar e um **nóema**, aquilo que é visado. Como se trata de uma consciência encarnada, ligada ao mundo pelo corpo, apresenta-se como visada do

mundo que capta por meio da percepção. Não é ela, portanto, constituinte no sentido de que sua atividade projeta o que percebe, criando o seu objeto, mas também não é pura passividade em relação ao real. O resultado da percepção, a coisa percebida nos é dada como coisa presente no mundo que captamos através de perspectivas que fluem ininterruptamente em nosso campo perceptivo. Ora, esse encontro com o mundo pelo qual o revelamos, é algo que se realiza intersubjetivamente, na relação com os outros por meio da linguagem. A nossa consciência, em razão da intencionalidade, ao revelar o mundo ao mesmo tempo revela-se a si mesma, pois o seu ato de revelar é correlativo aos significados que o mundo nos descobre. A consciência humana é sempre consciência-no-mundo ligada indissociavelmente a ele pelo corpo.

Em virtude dessa situação a existência desdobra-se num discurso que, ao **dizer** o sentido das coisas, ordena-se simultaneamente ao outro. Comporta, portanto, um duplo enraizamento, no mundo e na intersubjetividade. Estamos de tal maneira envolvidos nos tramas dessa relação que a verdade de nosso ser em busca da realização tem nela o seu princípio como também nela transparece e se oculta nesse constante jogo de manifestações e escondimento.

Existência, comportamento, linguagem, eis os termos de uma dialética em que se inscreve a história que vamos escrevendo no terreno do sentido que se estabelece pelo nosso ser-no-mundo pelo corpo. A nossa inserção no mundo, no nível corpóreo e histórico-social, torna a nossa existência indelevelmente marcada pela historicidade que caracteriza a dimensão pré-predicativa da consciência. Poderíamos dizer que, para Merleau-Ponty, o caráter histórico e perspectivista do conhecimento negam a possibilidade de que a verdade humana seja definitiva? Atendo-nos as que ele afirma de maneira forte e clara na **Fenomenologia da**

⁶ Id., p. IX.

Percepção, parece-nos que a resposta só pode ser positiva. “Há uma certeza absoluta do mundo em geral, mas não de alguma coisa em particular”⁷.

Há aqui, mais uma vez, expressa em termos fortes uma recusa da posição idealista que acreditava na possibilidade da reflexão total. Nós nunca podemos destacar-nos da vida pré-reflexiva quando se trata da atividade intencional da consciência. Ela depende, no seu exercício, dessa situação originária. Toda tentativa de reflexão total quebra-se contra essa barreira.

O homem é essencialmente ser-no-mundo. Esse liame primordial indica a pertença do mundo ao homem e do homem ao mundo de tal sorte que um não se concebe sem o outro. Nesse intercâmbio que precede a conceptualização vamos já modelando o mundo à nossa imagem, pois a nossa presença na realidade é sempre iluminadora e significativa. Nosso comportamento é, nessa perspectiva, um comportamento-discurso que diz a realidade, revelando-a.

II. A existência como presença e a instauração do sentido

Se o sujeito, como eu pessoal, se constitui na unidade de uma história, isto quer dizer que jamais a sua consciência pode tornar-se presente a si mesma por uma transparência pura e uma auto-compreensividade plena. Porque intencional ela traz em si os caracteres da finitude e da temporalidade. Seu desdobramento no tempo como visada do mundo atesta a sua condição histórica inconfundível que lhe nega a possibilidade da posse significativa de si sem sombras nem opacidades. Ela lança suas raízes no solo donde jorra a vida afetiva que a antecede e condiciona suas intenções.

A presença do homem no mundo é, desde o princípio, uma presença iluminadora que põe em marcha um processo de revelação original do mundo. Tal processo se efetua em virtude do caráter intencional da consciência humana que não se fecha em si mesma como numa ilha, mas se difunde numa comunicação espontânea e aberta, onde a presença de um outro se manifesta desde o início. De fato o outro está presente pelo mesmo movimento instaurador de significação pelo qual vamos dando uma face humana ao mundo e vice-versa, pela mediação do mundo vamos, ao mesmo tempo, nos humanizando. O homem se humaniza humanizando o mundo, diz-se comumente numa formulação conhecida, que traduz com propriedade a situação do ser humano como ser-no-mundo. Deste ponto de vista pode-se afirmar que o mundo se manifesta como o **poema** do ser humano, pronunciado pelos múltiplos atos que recortam a sua existência. A nossa atividade no mundo é uma atividade **poética**, que constitui o espaço de encontro onde o sentido se faz história. Na verdade o sentido é sempre sentido para nós, sentido que se encontra no termo de nossas visadas e possibilita a tarefa comum de elucidação e transformação da realidade, constitutivas do complexo tecido da história que arduamente vamos escrevendo. Ora, é pelo comportamento que fazemos o mundo chegar ao sentido. Essa é uma tese característica do pensamento merleau-pontyano, que atravessa a sua reflexão nas obras que vão da **Estrutura do comportamento a Visível e Invisível**, passando pela **Fenomenologia da Percepção e Sinais**, obra na qual a consciência perceptiva começa a dar lugar à noção forte de **corpo** e de **carne**.

Em toda a parte onde exerce sua presença o homem se manifesta como ser que tem ontologicamente como característica a de ser instaurador e manifestador do sentido. Isto ele o faz pelo corpo próprio que

⁷ P.P., p. 344: “Il y a certitude absolue du monde en général, mais non d'aucune chose en particulier”.

apresenta a dupla característica da reflexividade da consciência e a **visibilidade** própria do mundo. Ele é, por conseguinte, essencialmente um ser de linguagem. Ora a linguagem como expressão não pode ser identificada sem mais à palavra falada. Os sentidos proferidos na palavra não recobrem toda a extensão dos sentidos estabelecidos pelo comportamento. A palavra proferida restringe o sentido a um segmento da realidade. Mas isto é o que permite a constituição de significações estáveis, responsáveis pelo alargamento do campo de nossa experiência pela constituição do mundo cultural. Por esta razão a linguagem não pode ser reduzida a um simples sistema de sinais convencionais utilizado como instrumento de comunicação de nossos pensamentos.

A linguagem implica, sem dúvida, comunicação. Mas não é antes de tudo uma comunicação do que pensamos por meio de um conjunto de sinais convencionalmente estruturados como se pensamento e linguagem fossem exteriores um a outro. Diz Merleau-Ponty: “É preciso reconhecer em primeiro lugar que o pensamento não é, no sujeito que fala, uma representação, isto é, ele não põe expressamente objetos e relações. O orador não pensa antes de falar e nem mesmo enquanto fala; a sua palavra é o seu pensamento”⁸. Pensamento e palavra acham-se ligados numa relação de mútua implicação. A palavra exprime o pensamento e este se encarna na palavra⁹.

O processo de revelação do real empreendido pela linguagem é uma obra já feita e ainda por fazer. O homem é convocado a entrar nesse movimento revelador, no seio do espaço cultural, para deixar aí as marcas da sua presença. É nesse diálogo travado no seio da experiência, onde se situam as tarefas humanas, que se constrói a história da humanidade. A linguagem é o lugar habitual do encontro humano. É o meio pelo qual traduzimos a nossa experiência do

mundo e a comunicamos pela palavra. A palavra configura, dessa forma, o ponto de encontro de um processo iluminador que se projeta sobre o real para dar-lhe sentido. Isto significa que a história resulta desse mesmo processo de diálogo que travamos com o mundo pelo qual buscamos realizar-nos no exercício da razão e da liberdade. Por isto há um sentido na história que vamos construindo entre trabalhos, alegrias e dores, que consiste na busca do sentido e no respeito à liberdade.

III. Comportamento e linguagem: uma dialética viva

Se a filosofia se dá por tarefa explicitar as relações vividas que se tecem entre o homem e o mundo, este fato a leva a pôr o problema essencial da relação ente o homem e a linguagem. Se somos coexistência, um existir com os outros no mundo, este só atinge seu significado próprio pela nossa presença, ao mesmo tempo que nos tornamos nós mesmos pelo intercâmbio que com ele realizamos pelo nosso corpo. Tal a tese que desenvolvemos ao longo desse escrito na exposição das posições de Merleau-Ponty sobre a percepção enquanto revelação do mundo. É pelo homem que o mundo atinge seu significado próprio e é pela mediação do mundo que nossa existência alcança sua realização. É a tese bem conhecida da intencionalidade pela qual a consciência humana, no contato com a realidade, a convoca para o sentido. O comportamento que a revela também a exprime. O sentido instaurado pela nossa presença no mundo é mais amplo que o sentido proferido na palavra, como já afirmamos anteriormente em várias passagens. Essa tese o nosso filósofo a estabelece na reflexão sobre o corpo como expressão e fala, tendo como pano de fundo a análise fenomenológica da experiência originária

⁸ P.P., p. 209.

⁹ Cf. Id.

do homem como ser-no-mundo. Existimos no mundo na condição de seres cuja tarefa é revelá-lo, ou seja, manifestar o que ele é. Pode-se mesmo dizer que nisso consiste o significado da razão humana que permite ao homem deixar legíveis, no seio do mundo os vestígios da sua presença.

O comportamento humano é revelador de um sentido que as coisas incluem por estarem relacionadas com o homem enquanto ser que **se comporta**. Por isto o ato de revelação do mundo é linguagem que nasce, na bela expressão de Merleau-Ponty, “na gesticulação emocional pela qual o homem sobrepõe ao mundo dado o mundo conforme o homem”¹⁰. A expressividade gestual já modela o mundo em dimensão humana.

Os nossos comportamentos instituem significação transcendentem ao organismo, mas imanentes ao comportamento em si mesmo considerado¹¹. Na variada escala das operações expressivas a palavra representa um caso particular. Mas é única capaz de criar um universo de cultura, o qual, uma vez estabelecido, vai formar a base para novas significações. É esse caminho que trilham os que têm por missão promover, pela expressão, o espaço significativo criado pela palavra, pois ela é “o excesso da nossa existência sobre o ser natural”¹².

Como ato de transcendência ela é movimento na direção do real para desvelá-lo e desvelar-se, manifestar-lhe o sentido e manifestar-se como atividade significante. Neste labor organizamos e fazemos progredir a ciência, a arte e o pensamento em geral. Aqui a palavra toma o corpo nas produções culturais tornando-as transmissíveis. Ora, esse processo torna-se possível precisamente porque estamos em situação de abertura para o mundo e para o outro. Tal é o horizonte no qual a linguagem se põe a caminho.

A palavra de ordem husserliana de “volta às coisas” significa para o nosso filósofo voltar-se para o mundo que existe antes do conhecimento e do qual todo conhecimento necessariamente parte. Pode-se ver nesse ato uma forma de profundo decentramento infligido à consciência pela negação que implica da sua pretensão à transparência total e à plena posse significativa de si. O irrefletido, sempre suposto pela reflexão, não pode ser assumido inteiramente por ela. O pensamento esbarra invariavelmente na opacidade desse pressuposto, que está sempre já aí, quando nos pomos a refletir. Com isto contesta-se o poder regulador da consciência em relação ao sentido. Não se deve concebê-la como posse exaustiva de si e centro de toda significação. Realmente se há uma apoditicidade do **cogito** não há adequação dele consigo mesmo. Numa passagem muitas vezes citada na **Fenomenologia da Percepção** Merleau-Ponty afirma sem meias palavras: “Se posso falar de ‘sonhos’ e de ‘realidade’, interrogar-me sobre a distinção entre imaginário e real, e colocar em dúvida o ‘real’, é porque tenho uma experiência tanto do imaginário como do real e o problema então consiste... em explicar nosso saber primordial do ‘real’, em descrever a percepção do mundo como aquilo que funda para sempre nossa idéia de verdade. Não se deve, portanto, perguntar se percebemos verdadeiramente o mundo, mas ao contrário dizer: o mundo é aquele que nós percebemos”¹³. Essas afirmações recebem todo o seu significado à luz da célebre asserção que lemos à página 344 da mesma obra, no qual o autor rejeita a tese idealista da reflexão total em que ser e pensamento encontrar-se-iam plenamente identificados. Cito-a no original para manter a força lingüística do enunciado. “Le véritable **cogito** n’est pas le tête à tête de la pensée avec la pensée de cette pensée: elles ne se rejoignent qu’à travers le monde”. Em outras palavras:

¹⁰ P.P., p. 219.

¹¹ Id. p. 221.

¹² Ibid. p. 229.

¹³ P.P., p. XI.

todo o esforço da reflexão filosófica se traduz no ato de voltar-se para a realidade captada pela atividade perceptiva na tentativa de compreendê-la, explicitando os significados que ela assume para nós.

Não há reflexão sem a apreensão perceptiva do mundo pela mediação do nosso corpo. Esta define a primeira etapa da reflexão fenomenológica que se completa numa segunda que consiste em lançar luz sobre o modo de ser deste novo **cogito**, desvelando a sua estrutura de base. Esta tarefa Merleau-Ponty a descreve com palavras: "Agora, depois que o campo fenomenal foi suficientemente circunscrito, entramos nesse domínio ambíguo e aí asseguramos nossos primeiros passos com o psicólogo, esperando que a autocrítica do psicólogo nos conduza por uma reflexão de segundo grau ao fenômeno do fenômeno e converta decididamente o campo fenomenal em campo transcendental¹⁴.

Parece-me que a noção merleau-pontyana de comportamento se mostra muito eficaz para dar razão da existência como existência encarnada. Evidentemente ela nada tem a ver com a noção behaviorista de comportamento, o que o reduz à sua dimensão fisiológica, como resposta do organismo aos estímulos ambientais em vista de sua adaptação ao meio. Uma concepção, portanto, claramente objetivista. O comportamento na linha de Merleau-Ponty, nada tem de um processo anônimo, mas designa o modo específico do sujeito humano exercer a sua existência. Definir o homem pelo comportamento é defini-lo pela revelação do sentido que institui pela sua presença no seio do mundo. Próximo e familiar das coisas o comportamento humano faz surgir nelas, no ato de visá-las, os múltiplos sentidos que vão povoar a sua experiência. Os atos expressivos do homem, constitutivos dos sentidos, constituem igualmente seu próprio ser, que se realiza no intercâmbio com o mundo pela ação e pela palavra.

¹⁴ P.P., p. 77.

Ligado corporalmente ao mundo o homem o ultrapassa pelos seus atos significativos. Revelamos e dizemos os sentidos do real na medida em que o transcendemos na sua condição de simples coisa aí presente. Conceber o homem como comportamento equivale, portanto, a abandonar os privilégios da consciência em cujo centro o pensamento acostumara-se a colocá-lo.

Como comportamento-discurso o existente humano não se revela, em primeira instância, como um sujeito cognoscente, porque a relação homem-mundo tem um caráter prático que antecede à conceptualização. O comportamento humano é em si mesmo significativo pelo próprio fato de ser comportamento de um ser que se define como **lumen naturale**, luz natural que se projeta sobre o real para revelá-lo.

Toda reflexão, se exerce no interior de uma experiência pré-reflexiva, que já é dotada de uma significação, embora informada, dada pela presença do homem na realidade pelo seu corpo. Insere-se aqui o importante problema da dialética de sentido estabelecido e sentido preferido. O sentido estabelecido pelo comportamento articula-se, como em sua base, ao sentido proferido pela palavra.

Conclusão

Ao caracterizar o sujeito humano na sua condição carnal Merleau-Ponty estabelece a consciência no seu movimento na direção das coisas para aí constituir o sentido e simultaneamente, pela mediação delas, constituí-lo em si mesmo e nos outros. Em outros termos, a consciência não deve ser definida como interioridade pura, mas antes como consciência encarnada que se presentifica no mundo pelo corpo. Mostra-se, em tal posição, que uma filosofia do sujeito,

que leva a sério a sua condição carnal, só poderia ser elaborada sobre os fundamentos de uma filosofia do comportamento entendido no seu sentido existencial. A razão está no fato de que não se deve separar o sujeito do mundo, sob pena de não termos em mãos senão um sujeito exangue e um mundo petrificado numa objetividade pura.

Sob esse prisma o ser-no-mundo apresenta-se como o plano originário onde o homem, no seu corpo e na linguagem da sua carne, celebra o enlace que o une ontologicamente ao real. Assim todas as significações que brotam, em admirável surto, ao longo de nossa caminhada na história, vão-se entrelaçando e unindo para projetar o complexo horizonte do mundo, lugar de nossos projetos e da realização de nossa liberdade.

Assim a interpretação fenomenológica de **encarnação** — primeira componente da categoria antropológica da historicidade — conduzida exemplarmente por Merleau-Ponty, desvenda-nos de um lado a atividade perceptiva como revelação do mundo e de outro confere novamente à percepção uma dignidade filosófica que ela perdera desde longo tempo.

A consciência, em vez de permanecer encerrada em si mesma, abre-se à dimensão perceptiva, ao plano da vida comum e rompe com a oposição entre percepção e pensamento. Na esfera da dimensão pré-predicativa da consciência a percepção é entendida como referência ao mundo que, “por princípio não se aprende senão através de alguns de seus aspectos”, como o nosso filósofo diz na célebre comunicação à “Société française de philosophie” que tem como título: “O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas” (seção de 23 de novembro de 1946). Aí se afirma também que a unidade da coisa percebida é a de “uma totalidade aberta ao horizonte de um número indefinido de vistas perspectivas” (p. 123). Não existe mais um **cogito** que opera exclusivamente na ordem intelectual sem contato com a experiência,

ao mesmo tempo que se resgata a dimensão da intersubjetividade que readquire seu valor existencial, pois pela intencionalidade passamos a coexistir no interior de um mesmo mundo. Aqui se abre a interminável busca humana da verdade, porque não se pode renunciar à esperança de alcançá-la de alguma forma para além das tomadas de posição divergentes, como ele diz.

É com essa esperança que construímos o mundo da cultura e da civilização.

Referências Bibliográficas

MERLEAU-PONTY, M. *Phenomenologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1945.

_____. *Sens et non-sens*. Paris: Nagel, 1948.

_____. *Signes*. Paris: Gallimard, 1968.

_____. *L'œil et le spirit*. Paris: Gallimard, 1963.

MERLEAU-PONTY, M. *Textos selecionados seleção dos textos, traduções e notas de Marilena de Souza Chauí, Os Pensadores*, Abril Cultural, 1980.

_____. *Le Visible et l'invisible, suivi de notes de travail par M. Merleau-Ponty, texte établi par Claude Lefort, accompagné d'un avertissement et d'une Postface*. Paris: Gallimard, 1964.

DE WAELHENS, A. *Une philosophie de l'ambiguïté: L'existencialisme de M. Merleau-Ponty*, Bibliothèque Philosophie de Louvain, 1970, 4^a edition.

LEFORT, C. *Postface à edição de Visible et L'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.

RICOEUR, P.: *A região dos Filósofos, Leituras*. Trad. de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1998.